



XVI Encontro Regional de Agroecologia do NORDESTE

NORDESTE

Na rota do Velho Chico: A Agroecologia e os Movimentos Sociais na luta contra as opressões no Campo e na Academia.

28 de Abril a 01 de Maio - CECA/UFAL - Rio Largo - AL

CARAVANA AGROECOLÓGICA: EXPERIÊNCIAS E DESDOBRAMENTOS

Thiago Marques Pereira¹; Wanda Griep Hirai²

¹Graduando em Serviço Social na Universidade Federal de Alagoas.

²Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas.

Resumo-Abstract

RESUMO - Este trabalho é fruto das experiências vividas na Caravana Agroecológica e Cultural de Alagoas, com o tema "Mulheres Camponesas e a Construção da Agroecologia na Mata Alagoana". A partir de uma abordagem investigativa pautada no materialismo histórico dialético buscamos retratar os entraves e avanços relacionados à luta camponesa e a construção da Agroecologia na Zona da Mata alagoana. Visitamos assentamentos localizados nos municípios de Messias, Murici, Branquinha e São Luís do Quitunde, onde pudemos visualizar a produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos utilizando-se para tal, métodos agroecológicos. Evidenciamos avanços, tais como, o protagonismo feminino especialmente na organização dos assentados, através do desenvolvimento de consciência política nas comunidades. Todavia, problemas também foram evidenciados, como o descaso governamental em relação ao cumprimento de políticas destinadas ao agricultor. As lutas travadas por anos para o estabelecimento dos assentamentos, atualmente contribuem para a superação de vários problemas e fazem com que o agricultor siga em sua luta contra o latifúndio e em favor da reforma agrária.

Palavras-chave: Assentamentos, entraves e avanços, zona da mata

ABSTRACT - This work is the result of the experiences of the Agroecological and Cultural Caravan of Alagoas, with the theme "Peasant Women and the Construction of Agroecology in the Alagoana Forest". From an investigative approach based on dialectical historical materialism we seek to portray the obstacles and advances related to the peasant struggle and the construction of Agroecology in the Zona da Mata alagoana. We visited settlements located in the municipalities of Messias, Murici, Branquinha and São Luís do Quitunde, where we could visualize the production of food without the use of agrochemicals using agroecological methods. We show advances, such as the female role, especially in the organization of the settlers, through the development of political awareness in the communities. However, problems have also been highlighted, such as the government's disregard for compliance with policies aimed at the farmer. The struggles waged for years to establish settlements nowadays contribute to overcoming various problems and cause the farmer to continue in his struggle against latifundia and in favor of agrarian reform.

Keywords: Settlements, barriers and advances, forest zone



Introdução

Nas últimas décadas a situação alimentar e nutricional no Brasil tem se tornado objeto de estudo de vários pesquisadores, nesse sentido, a preocupação com a qualidade dos alimentos produzidos no campo e consumidos pela população tem ganhado destaque.

O agronegócio, preocupado em aumentar sua produção e consequentemente seus ganhos se utiliza de técnicas que representam perigo à saúde humana, sobre isso, Beardsworth e Keil (1997), citados por Azevedo (2011) afirmam que,

O sistema agroalimentar moderno baseou-se nos avanços tecnológicos e nas descobertas científicas da agricultura e da pecuária (como o uso de fertilizantes sintéticos, agrotóxicos e drogas veterinárias; o melhoramento genético, o confinamento animal; a mecanização); na grande escala de produção (local e global); na industrialização; na oferta de alimentos desconectada da sazonalidade; na distribuição e comercialização em grandes redes varejistas; na escolha disponível a todos que podem arcar com os preços dos alimentos; nas desigualdades nutricionais entre e dentro das sociedades; e nas repercussões socioambientais vinculadas ao modelo produtivo. (1. BEARDWORTH e KEIL Apud AZEVEDO, 2011, p. 718)

Em oposição à esta prática e representando a resistência ao agronegócio, o campesinato e a agroecologia se colocam como alternativa de produção de alimentos visando a promoção da saúde e a conservação do meio natural, salientamos que,

Nesse contexto, a saúde é percebida como produto de um amplo espectro de fatores – ambiental, físico, social, político, econômico e cultural – relacionados com a qualidade de vida. (2. PELINIONI apud AZEVEDO, 2011, p. 716)

Portanto, com o objetivo de discutir acerca dos avanços e entraves relacionados à luta camponesa, este trabalho apresentará as experiências e os desdobramentos das discussões levantadas durante a Caravana Agroecológica e Cultural de Alagoas realizada entre os dias 10 e 12 de novembro deste ano com o tema “Mulheres Camponesas e a Construção da Agroecologia na Mata Alagoana”.

Experimental

Experiência na Caravana Agroecológica.

Este estudo foi idealizado a partir das reuniões semanais do Grupo de Extensão e Pesquisa: Serviço Social, Segurança Alimentar e Nutricional – GEPSSAN – sob orientação da Prof.^a Dr.^a Wanda Griep Hirai. No intuito de promover o Direito Humano a Alimentação Adequada e a Segurança Alimentar e Nutricional o grupo por meio de estudos e pesquisas acerca da temática começa a desenvolver e realizar seminários, palestras e publicações. Nesse sentido realizamos, durante a Caravana Agroecológica e Cultural de Alagoas pesquisa qualitativa baseada na técnica de observação participante, através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado com vistas a obter informações sobre sua realidade em seu próprio contexto estabelecendo uma relação face a face com os observados permitindo captar uma variedade de situações e fenômenos que não poderiam ser obtidos por perguntas. (3. Minayo, 2004).

Sob uma óptica pautada no materialismo histórico dialético de Marx Compreendemos o processo de trabalho como o conjunto de atividades prático- reflexivas voltadas ao alcance de finalidades, nesse sentido, os homens utilizam ou transformam os meios e as condições sob as quais o trabalho se realiza adaptando-os à sua necessidade, o que implica no domínio e controle sobre uma matéria natural e consequentemente resulte em sua transformação, nesse sentido, o processo de transformação da natureza é trabalho. Ao agir sobre a natureza, transformando-a, os homens transformam-se a si mesmos e aos outros homens produzindo e reproduzindo material e socialmente a própria sociedade. (4. GUERRA, 2000)

No contexto da Zona da Mata alagoana o processo de trabalho subordinado ao sistema capitalista mostrou-se altamente predatório, pois, ao transformar a natureza, o homem não visava suprir as necessidades meramente humanas, mas sim atender os anseios do mercado internacional em expansão, contribuindo para a devastação da mata nativa e do solo e priorizando a cultura da cana-de-açúcar baseado na figura do latifúndio. Em alagoas esta atividade se desenvolveu derrubando as matas, superexplorando a força de trabalho e envenenando o solo e as águas. Todavia, mesmo sob a pressão dos grandes latifundiários os movimentos sociais camponeses ganham força, esta luta possibilitou a conquista de terras que posteriormente deram origem aos assentamentos.

Visando evidenciar os avanços e entraves da luta camponesa na Zona da Mata alagoana realizamos pesquisa

qualitativa baseada na técnica de observação participante durante a Caravana Agroecológica e Cultura de Alagoas que visitou os assentamentos Duas Barras II (Barrinha) no município de São Luís do Quitunde; Flor do Bosque no município de Messias; Dom Helder Câmara no município de Murici; e Zumbi dos Palmares no município de Branquinha; e esta experiência descreveremos neste trabalho com vistas a fortalecer a luta camponesa e o direito humano a alimentação adequada.

O primeiro local visitado foi o assentamento Duas Barras II, conhecido como Barrinha em São Luís do Quitunde. Pudemos visitar os diferentes quintais produtivos além de fazer um passeio pelas imediações visualizando os problemas enfrentados pelos assentados e os avanços que já empreenderam. Dentre os problemas destacamos a proximidade com a atividade canavieira. Assentamentos próximos ainda mantêm esta atividade com o argumento de o produto ser de mais fácil comercialização, porém esta aproximação empobrece o solo e o uso de agrotóxicos destes prejudica a cultura dos que não o utiliza, além disso, a falta de assistência técnica, a dificuldade de acesso ao crédito rural, o manejo incorreto do solo, como, por exemplo, a retirada da cobertura orgânica que expõe o solo ao sol, facilita sua lavagem pela chuva e contribui para o processo de erosão representam entraves a continuidade desta atividade. Porém, a sucessão familiar ainda se mostra o problema que mais ameaça a perpetuação da agricultura local. Os jovens filhos dos assentados, em sua maioria, não têm interesse pela vida no campo, muitos migraram para a cidade. Todavia, alguns avanços devem ser elencados, dentre eles, a produção de vários gêneros alimentícios – macaxeira, batata-doce, inhame, feijão de corda, melancia, café, dentre outros – sem o uso de agrotóxicos e a criação da COOPERAFER – Cooperativa de Agricultura Familiar e Empreendedorismo Rural – que reúne as mulheres deste e de assentamentos próximos, favorecendo sua liberdade e a autonomia.

O segundo local visitado foi o assentamento Flor do Bosque em Messias. Este apresenta problemas similares ao assentamento Duas Barras II. A aproximação com a lavoura de cana-de-açúcar aqui ainda é mais prejudicial, pois, aviões sobrevoam as plantações jogando insumos que são levados pelo vento, além de penetrar no solo, prejudicando as plantações dos assentados que não fazem o uso de produtos químicos em suas lavouras. A escassez de água e os grandes declives dificultam seu uso na plantação. Tudo isso somado à falta de assistência técnica, são alguns dos problemas descritos pelos assentados. Todavia, o maior dos problemas é o pouco interesse dos jovens da comunidade em perpetuar a produção. Na maioria dos lotes encontramos apenas seu dono, homens de idade avançada e suas esposas. Mesmo com todas estas dificuldades os assentados conseguem produzir uma variedade enorme de alimentos, dentre eles, laranja (pêra, lima e ponkan), goiaba, canela, abacaxi, mandioca,

coco, plantas medicinais e etc. A prática agroecológica é uma realidade para alguns assentados, estes possuem certificação orgânica, o que ajuda na valorização de seus produtos e garante sua procedência. Além disso a boa relação com os órgãos governamentais possibilita que parte da produção seja vendida pelo PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), o excedente é comercializado nas feiras livres o são compradas por terceiros para a revenda. Esta terra que antes fazia parte de um grande latifúndio, hoje pertence a homens e mulheres que lutam por sua autonomia pensando no cuidado com o meio ambiente.

O terceiro local visitado foi o assentamento Dom Helder Câmara em Murici, onde inicialmente assistimos apresentações que evidenciaram a forte influência feminina na condução das atividades realizadas pela comunidade. A associação liderada por Maria Rita da Rosa dos Santos e a presença do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) contribuem para a luta camponesa com vistas à melhoria das condições de vida dos assentados, além de valorizar a arte, a cultura e a culinária local. O protagonismo feminino é muito importante para esta comunidade, pois, são as mulheres se esforçam para conscientizar politicamente a todos favorecendo a luta coletiva. Na casa da mulher as mulheres da comunidade se reúnem e organizam cursos para todos, incentivando inclusive os homens a participar das mobilizações. Desta luta já surgiram frutos dos quais os mais evidentes são a construção da casa de farinha e da escola de ensino fundamental menor dentro do assentamento. Em relação à produção, dos 48 lotes produtivos, boa parte deles utilizam técnicas agroecológicas e 9 já possuem certificação OCS (Organização de Controle Social). A produção é diversificada, os assentados produzem macaxeira, inhame, além de vários tipos de hortaliças e frutas comercializadas em feiras regionais ou na capital do Estado. Apesar de todos esses avanços a luta não cessa, o machismo ainda é muito forte na comunidade, muitos dos homens ainda relutam em escutar o que as mulheres têm a dizer. O manejo do solo em muitos casos ainda é incorreto, favorecendo sua deterioração. Os recursos hídricos são escassos e há muita dificuldade para seu aproveitamento na lavoura. Há muita dificuldade de acesso as políticas públicas e a aquisição do selo orgânico. Além disso, as mulheres lutam para que o ensino seja expandido na comunidade, com vistas a evitar que as crianças e jovens se desloquem para a cidade e percam o gosto pela vida no campo evitando assim o problema da sucessão já presente e em expansão.

Por fim visitamos o assentamento Zumbi dos Palmares no município de Branquinha, inicialmente assistimos a uma apresentação que ressaltava a importância da mulher e da terra como geradoras de vida. Formou-se uma mesa de discussão com o tema “Mulheres Camponesas e construção da agroecologia na mata alagoana”. Nesse momento relatou-se a luta protagonizada pelas mulheres para garantia de sua

autonomia, com destaque ao MMC (Movimento de Mulheres Camponesas), muito presente no assentamento e o forte machismo ainda persiste e é a causa de muitos casos de violência na localidade. Após este momento nos dirigimos ao lote de um dos assentados, neste o maior problema são as pragas que atacam principalmente a plantação de laranjas, e como não são utilizados produtos químicos na lavoura o combate às pragas fica muito difícil e acarreta perdas consideráveis de produção. A sucessão familiar, segundo o dono do lote, também se mostra um grave problema na comunidade, devido à proximidade com a cidade os jovens não se mostram muito interessados em dar continuidade à atividade dos pais. Há dificuldades também no acesso ao crédito rural, programas como o PAA e o PNAE e assistência técnica. Apesar das dificuldades houveram expressivos avanços. No lote visitado a prática agroecologia é bem evidente. O solo possui cobertura orgânica, e o agricultor produz insumos orgânicos em sua propriedade. Estas práticas contribuíram diretamente para a diversificação da produção. Nesta propriedade produz-se laranjas e hortaliças de vários tipos, além de cocos. Parte da produção é vendida ao PNAE, e seu excedente é comercializado nas feiras da região ou são compradas por atravessadores.

Resultados e Discussão

Em nossa trajetória participando da Caravana Agroecológica e Cultural de Alagoas evidenciamos algumas consequências do processo de trabalho atrelado ao sistema do capital na zona da mata alagoana. Este, ao priorizar a atividade canvieira baseada na superexploração da mão-de-obra, no latifúndio e no uso de insumos químicos contribuiu para a degradação das matas, do solo e das águas.

Seguindo na contramão deste processo encontra-se o movimento camponês e a agroecologia, que visam introduzir um modo de produção sustentável atrelado às necessidades mais humanas e menos econômicas, com vistas a preservar os recursos naturais e garantir a qualidade de sua produção livre de produtos químicos.

Todavia esbarram em uma série de entraves que vão desde a proximidade com áreas dedicadas à monocultura canvieira - que além de prejudicar a produção, cria entraves que em alguns casos impedem o produtor de adquirir a sua certificação orgânica – ao descaso governamental que não cria estratégias que permitam facilitar o acesso dos produtores aos programas sociais destinados a eles.

Apesar das dificuldades percebe-se a intensão desses agricultores em manter sua produção livre do uso de quaisquer insumo químico, com vistas a garantir uma maior qualidade dos alimentos, contribuindo assim, para maior segurança alimentar da população. Para isso muitos dos produtores visitados utilizavam técnicas para manutenção do

solo, como a cobertura orgânica, além de fabricarem organicamente os seus insumos.



Figura 1. Composteira criada por produtor no Assentamento Zumbi dos Palmares.



Figura 2. Produção de hortaliças no Assentamento Zumbi dos Palmares.

Conclusões

Ao visitarmos os assentamentos Duas Barras II (Barrinha) no município de São Luís do Quitunde, Flor do Bosque no município de Messias, Dom Helder Câmara no

município de Murici e Zumbi dos Palmares no município de Branquinha percebemos que os problemas são semelhantes. Há dificuldades em acessar as políticas destinadas ao agricultor, a proximidade com propriedades produtoras de cana-de-açúcar gera entraves na produção e dificulta a aquisição do selo orgânico, não há assistência técnica, e a perpetuação da vida no campo se vê ameaçada pela falta de interesse das novas gerações em trilhar a mesma trajetória de seus pais. Todavia evidenciamos enormes avanços. Em todos os assentamentos visitados há a preocupação com a introdução de técnicas agroecológicas – ainda em desenvolvimento em todos eles – priorizando a sustentabilidade e o direito humano a alimentação adequada. Porém, o maior avanço está no protagonismo feminino, ao organizar-se, as mulheres contribuíram ativamente no processo de conscientização social dos assentados. A ação feminina nos assentamentos contribuiu para a criação e manutenção de associações que fortalecem e mantem viva a luta camponesa e a cultura local.

A partir desta experiência abre-se um leque de possibilidades tanto na área da agroecologia quanto nas Ciências Sociais. Os entraves e avanços evidenciados aqui são potenciais objeto de estudo para outros pesquisadores com vistas ao fortalecimento da luta camponesa, a promoção da agroecologia, a luta em favor da reforma agrária e contra o sistema do capital.

Agradecimentos

Aos Membros do GEPSSAN – Grupo de Extensão e Pesquisa: Serviço Social, Segurança Alimentar e Nutricional, em especial à Profª Drª. Wanda Griep Hirai

Referências

1. BEARDWORTH e KEIL Apud AZEVEDO, Elaine de. **Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia:** uma discussão intersectorial. São Paulo: Saúde e Sociedade v.20, n.3, 2011, p. 718.
2. PELINIONI apud AZEVEDO. **Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia:** uma discussão intersectorial. São Paulo: Saúde e Sociedade v.20, n.3, 2011, p. 716.
3. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade.** 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 59-60.
4. GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social.** Programa de capacitação continuada para assistentes sociais, Módulo IV: O Trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília: CFESS/ABEPSS – UNB, 2000, p. 3.